



GÊNERO PRÉDIO

UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA EM ARQUITETURA E HABITAÇÃO

Márcio Correia Campos

Edição do Autor

Capa, projeto gráfico e fotografias
Márcio Correia Campos

Revisão
Tadeu Barradas Badaró

Ficha Catalográfica

Campos, Márcio Correia

Gênero prédio [recurso eletrônico] : uma experiência didática em arquitetura e habitação / Márcio Correia Campos. - 1. ed. - Salvador : Ed. do Autor, 2020.

82 p. : il.

Livro eletrônico

ISBN 978-65-81592-004

1. Arquitetura - Estudo e ensino. 2. Arquitetura de habitação - Estudo e ensino. 3. Planejamento urbano - Estudo e ensino. 4. Arquitetura - Projetos. 5. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura. I. Título.

CDD - 720.7

Elaborada por Itaraci Araújo CRB 989

Márcio Correia Campos

GÊNERO PRÉDIO

UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA EM ARQUITETURA E HABITAÇÃO

1ª edição

**Salvador, Bahia
Edição do Autor
2020**

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	4
<i>Equipe Docente</i>	9
<i>Estudantes</i>	10
<i>Em busca da medida crítica</i>	11
<i>Urban 21</i>	18
<i>Atipológico</i>	29
<i>Interiores</i>	40
<i>M Housing</i>	53
<i>Catalisador Social</i>	72
<i>Referências básicas do curso</i>	81

PREFÁCIO

Esta publicação é o registro do curso de Atelier 3 sob minha coordenação didática (turmas T06 e T07) no ano de 2019. Seguindo a estrutura do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia - UFBA, o Atelier é uma disciplina anual, o que implica processos pedagógicos distintos das disciplinas semestrais, que são a esmagadora maioria nos cursos da universidade.

Situado exatamente no meio do curso, o Atelier 3 representa a transição entre os dois primeiros anos, dedicados aos fundamentos do projeto e estratégias projetuais, e os dois últimos anos, dedicados a edifícios com complexidade técnica e programática e urbanismo. Desta maneira, a ementa do

Atelier 3 prevê tanto o aprofundamento técnico e da representação como das relações entre o projeto arquitetônico e os projetos complementares. Poder-se-ia dizer, ele visa a consolidação do projeto arquitetônico para a posterior realização do projeto executivo.

Esta solicitação da emenda da disciplina é tradicionalmente relacionada à verticalização, com suas consequências para a segurança, legislação predial e urbana, e inserção de tecnologia contemporânea nos sistemas de instalações. Havia ainda outra consolidação temática que não está registrada na ementa e que foi fruto do entendimento dos professores do antigo Departamento II da Faculdade, que reunia anteriormente os Ateliers, e que previa, para o Atelier no terceiro ano do curso, ao menos um exercício que tratasse do tema da habitação coletiva.



Em uma cidade onde a residência unifamiliar formal tem um número extremamente reduzido em relação ao edifício de apartamentos, a junção destas duas tradições fez deste programa de uso uma tarefa quase obrigatória para o terceiro ano do curso. A estrutura e o conteúdo específico do curso em 2019 representam o amadurecimento do que foi elaborado entre os anos de 2015 e 2017, quando também coordenei turmas do



mesmo Atelier 3. O conjunto de trabalhos aqui apresentados não deixa de se filiar a estes compromissos, ainda que tratados sob uma perspectiva singular derivada de alguns pressupostos teóricos específicos, e não corresponde à totalidade dos trabalhos desenvolvidos no curso: trata-se de uma seleção entre os mais representativos para cada exercício, o que a priori tende a coincidir com os trabalhos que foram melhor avaliados, mas não necessariamente representa a hierarquia resultante das notas que lhes foram conferidas. Incluindo como panorama ideal uma distribuição equilibrada de trabalhos, atributos específicos, como soluções técnicas ou estéticas, qualidade da representação gráfica ou originalidade de ideias, foram determinantes para a escolha de um trabalho que talvez não tenha obtido a melhor nota ou para a representação mais destacada de um ou outro estudante.

Mas antes de adentrarmos no conteúdo do curso, é preciso registrar o trabalho em equipe deste atelier. De um lado, um conjunto de estudantes com interesse e vontade de aprendizado superior à média, capaz de estabelecer um clima saudável de convivência durante dois semestres, doze horas por semana, determinando um ambiente de franco compartilhamento e bom humor, o que nem sempre é fácil de ser alcançado. Este

grupo de pouco mais de vinte estudantes que concluiu o curso demonstrou contínuo crescimento e foi capaz de surpreender os professores em mais de um momento, com produtos que demonstraram alto grau de amadurecimento, criatividade e desenvoltura. Sua resposta ao desafio de apresentar os trabalhos em seminários sintéticos, voltados para a capacidade de expressão do essencial do trabalho do arquiteto, foi bastante positiva.

Do outro lado, a equipe de docentes, que apesar de nova em sua configuração, foi formada essencialmente por colegas de muito tempo de convivência, contando com uma confiança sedimentada. Após vários anos de coordenação compartilhada do Workshop Que Cidade é essa?, Any B. Ivo dividiu comigo pela primeira vez a condução de uma turma de Atelier de projeto. Partindo da estrutura do curso consolidada por mim nos anos anteriores, sua participação trouxe de maneira complementar uma contribuição sólida e constante para o desenvolvimento dos trabalhos; igualmente importante para o crescimento que a turma apresentou foi a participação dos tirocinantes Tadeu B. Badaró, que já tinha sido, além de monitor, estudante do Atelier, e Thiago A. F. da Costa: ambos, além de terem demonstrado capacidade didática plena, contribuíram muito pessoalmente com críticas bem elaboradas e orientações precisas;





e por fim, no segundo semestre, a participação do monitor Max Klug, que acompanhou as orientações da equipe, contribuindo para o desenvolvimento do trabalho dos colegas especialmente com o seu domínio ímpar das técnicas de representação e sua experiência em geral com os métodos contemporâneos de produção de arquitetura. Os trabalhos que apresentamos em seguida são, portanto, o resultado de um ambiente estimulante e voluntarioso, determinado pelo conjunto de participantes, capaz de superar alguns obstáculos de infraestrutura e contexto urbano mais amplo, o que envolve segurança nos transportes e espaço público em geral, impedindo que estudantes carreguem computadores e outros equipamentos.

A estas condições gerais de trabalho respondeu-se com o engajamento necessário em prol do processo de aprendizagem. E não deixou de ser igualmente animador termos contado com um bom cafezinho durante as tardes de trabalho.

Salvador, janeiro de 2020

Márcio Correia Campos

EQUIPE DOCENTE

Márcio C. Campos, coordenador, Professor Adjunto Faculdade de Arquitetura, UFBA

Any B. Leal Ivo, Professor Adjunto Faculdade de Arquitetura, UFBA

Tadeu Barradas Badaró, Tirocinante, Mestrando PPGAU UFBA

Thiago Augusto Ferreira da Costa, Tirocinante, Mestrando PPGAU UFBA

Max Bitencourt Klug, Monitor, estudante de Graduação de Arquitetura e Urbanismo, UFBA

ESTUDANTES

Ariane Puridade Santana

Laís Mendonça Passos

Beatriz Pimentel Cruz Ferreira

Laíse Pitanga Mendes

Bruna Ferreira Santos

Marjorie Fagundes Soares

Camille Leite Lordelo

Pedro Henrique P. de Macedo

Clara Rachel Reis

Renata Varela Lopes Maia

Danielle Torris Baqueiro

Sidinara Caires da Silva

Gabrielly de Almeida R. Bacelar

Suelma Maria de Santana

Isabela Cruz de Cerqueira Assis

Tayná dos Santos Gomes

Israel Barbosa Cunha Rodrigues

Warly Silva Afonso

João Eduardo S. Quintela Soares

EM BUSCA, DA MEDIDA CRÍTICA O DESAFIO DO EDIFÍCIO DE TAMANHO MÉDIO

Tendo a habitação como tema central, o curso de projeto do Atelier 3 foi estruturado de maneira a tratar durante dois semestres, além dos elementos fundamentais previstos na sua ementa, questões consideradas importantes no debate contemporâneo sobre a produção de arquitetura em Salvador. Estas questões envolvem aspectos distintos e individualizados que afetam a problematização da habitação em diferentes escalas de projeto.

A tarefa pedagógica abarca desta maneira desde a complexa e profundamente disseminada cultura de projetos para espaços interiores – tão fortemente determinada pelo frágil equilíbrio entre as lógicas de customização, criação de perfis profissionais associados a idiossincrasias no enfrentamento

de modas e tendências de curta duração, conformando uma determinada cultura do morar –, até os parâmetros urbanos ainda recentes, determinados pelas últimas versões do PDDU e da LUOUS, referentes a densidade construtiva, redução de áreas monofuncionais, intensificação de zonas de centralidade e novas articulações com uma rede de transporte cada vez mais complexa e diversa.

Entre estas duas escalas, o edifício multirresidencial vem enfrentando nos últimos anos uma transformação pouco precisa, até mesmo difusa, marcada por novos patamares de verticalização, novos programas associados ao morar, uma tímida inserção de novas tecnologias e sistemas alternativos associados à sustentabilidade, uma tênue mudança na relação com o abrigo do automóvel e novos moduladores da relação entre os espaços interiores e o exterior.

Tendo este panorama como referência contextual, adotou-se o edifício de tamanho médio (em referência à escala de Rem Koolhaas em S, M, L, XL) como uma ferramenta crítica cuja validade deveria ser experimentada através da realização dos exercícios. Este instrumento de especulação projetual foi adotado com ênfase no primeiro exercício do curso, dedicado ao





desenho urbano a partir dos parâmetros estabelecidos pelo concurso Urban21, voltado para estudantes de graduação de todo o país, e no quarto, no segundo semestre, tendo como tema o edifício multirresidencial, com o programa elaborado para tratar de alternativas contemporâneas do modo de habitar, no caso, uma comunidade de amigos decidida a construir uma habitação compartilhada, denominado explicitamente de M housing.

Completando então a apresentação dos exercícios, além do Urban21 e do M Housing, foram desenvolvidos no período de dois semestres um total de cinco exercícios: o segundo deles, Atipológico, destinado à realização de um projeto de edifícios de apartamentos em um bairro cuja configuração espacial é derivada de um claro projeto de desenho urbano, tendo sido escolhido este ano o Itaigara; no terceiro, Interiores, os estudantes foram convidados a elaborar um projeto a partir dos estudos de subjetividade desenvolvida em textos literários; e, por fim, o quinto, Catalisador Social, onde a complementação programática de um bairro habitacional é associada ao primeiro exercício, Urban21, uma vez que os estudantes desenvolvem ideias para edifícios com este programa dentro da proposta elaborada por um colega no início do curso.

A alternância entre o tamanho dos exercícios, curtos e longos, determina um ritmo de aprendizagem produtivo, ao qual se associam as apresentações das etapas intermediárias, para, em conjunto, garantir a qualificação e aproveitamento do total da carga horária do curso. É assim que aos cinco exercícios corresponderam 12 apresentações, que compreendem as etapas intermediárias, elaboradas em grupos maiores, e os produtos finais, elaborados em dupla ou individualmente. Estas apresentações em sala colaboram para um fundamental processo de crítica dos projetos e, ao mesmo tempo, para um desenvolvimento crucial da capacidade de síntese por parte dos estudantes em relação ao conteúdo específico da atividade profissional: a prolixidade é deixada de lado, o fazer arquitetônico torna-se mais claro e lapidado para o estudante.

Questões envolvendo o emprego de softwares BIM no desenvolvimento dos trabalhos marcaram todo o curso e foram determinantes para a produção dos estudantes: por um lado, existe uma sensível ampliação da cultura de uso desta ferramenta no espaço local, tanto na universidade como nos escritórios onde os estudantes estagiam, o que permite uma desenvoltura inicial bem maior no domínio das propriedades dos softwares; por outro lado, o descompasso em relação ao cumprimen-





to dos conteúdos curriculares relativos a estrutura, materiais, conforto ambiental e instalações acaba por desfazer o potencial que a ferramenta teria na aplicação didática como instrumento de elaboração de projeto.

Apesar desta dificuldade, os estudantes puderam compreender as articulações no desenvolvimento do projeto entre os elementos do programa de uso e os desafios estruturais e de instalações, como processo contínuo de revisão e reelaboração das diretrizes criadas como respostas a claras condicionantes iniciais. Mais ainda, o programa do edifício multirresidencial, com o potencial de exploração da relatividade de sua autonomia, permite claramente dentro do processo pedagógico uma profunda avaliação crítica da relação entre o edifício e seu contexto, seja na escala imediata do bairro, seja na escala da cidade.

Nesta experiência do Atelier III em 2019, a etapa referente à definição do partido arquitetônico no exercício M Housing, cujo programa previa um edifício de moradia compartilhada, revelou surpreendentemente a necessidade da discussão sobre determinados modelos pré-fixados no imaginário dos estudantes: convocados a repensar o estabelecido modelo de edifício multirresidencial na cidade a partir de um programa de

um máximo de convivência e divisão de responsabilidades da manutenção do edifício entre os moradores, a maioria esmagadora dos estudantes ofereceu como primeira resposta a transformação integral do nível de acesso em uma praça de uso público, sem que para isso nem mesmo a acidentada topografia do terreno fosse percebida como um empecilho. Mesmo partindo de uma etapa de estudos de repertório com exemplos internacionais, a dificuldade em compreender a lógica de um programa minoritário de moradia – e praticamente inexistente na cidade – levou a respostas que só conseguiram ser elaboradas a partir do extremo oposto da experiência cotidiana: como alternativa ao edifício murado, protegido por guarita de desenho militar, o imaginário tendia a indicar a abertura total ao público, sem nenhuma espécie de controle, como um retorno ingênuo do modelo modernista. Aqui se configurou o momento mais desafiador do ponto de vista pedagógico, o de trazer ao estudante de arquitetura a reflexão da interpretação do programa a partir de matizes, de compromissos entre o edifício e a cidade que, envolvendo opções de configurações criativas para edifícios de uso misto e noções de permeabilidades distintas de acessos correspondentes a diferentes usuários. Os resultados, que expressam muito bem esta esmerada elaboração, demonstram o quanto foi proveitoso





enfrentar esta questão. Por fim, os estudantes ainda tiveram a chance de elaborar um portfólio pessoal com o conjunto dos trabalhos feitos no ano letivo. Mais uma vez, foi possível tratar de apresentação e design gráfico, ao tempo em que cada participante pode fazer, ainda que sem nenhum compromisso formal, uma avaliação de sua produção. Encerramos o curso com a última das aulas fazendo uma visita à Península Itapagipana, em uma experiência prática sobre a arquitetura da cidade.

URBAN 21



URBAN 21

As diretrizes do Urban21 – um concurso organizado pela Revista Projeto, voltado para estudantes de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, que entre 2015 e 2018 realizou quatro edições anuais – foram tomadas como moldura para o primeiro exercício do curso. Estas diretrizes do concurso permitem trazer para a atividade didática a compreensão da indissociável relação entre o edifício multirresidencial e seu contexto imediato, entendido aqui não somente nas suas dimensões mais específicas da vizinhança imediata nos seus aspectos de sombreamento ou implantação no lote ou nos aspectos diagramáticos e abstratos dos sistemas relacionados à escala metropolitana, senão através de um arranjo espacial de coerência e hierarquia que uma área de aproximadamente 10 ha é capaz de oferecer. As linhas gerais do programa

também foram mantidas, prevendo um equilíbrio entre habitação e trabalho, diversidade de modais de transporte, adequação da infraestrutura à oferta existente, preservação ambiental e racionalidade no emprego dos recursos naturais.

A área selecionada para o exercício, que faz parte da Zona de Centralidade Metropolitana da região da Avenida Tancredo Neves, em imediata vizinhança da Zona Predominantemente Residencial 1 definida pelo Loteamento STIEP, apresenta uma série de desafios: uma diferença de trinta metros entre as cotas de nível, barreira extremamente forte definida pela avenida Tancredo Neves, criando uma dificuldade de acesso à concentração de serviços no Shopping Salvador, baixíssima ocupação do solo na franja de terreno limite à Avenida Tancredo Neves, devido a problemas ambientais e de acesso, isolamento e desconexão dos edifícios residenciais construídos no miolo, em ocupação monofuncional, presença de equipamento com grande demanda de tráfego, a universidade Estácio, a dramática proximidade distante com a linha 2 do metrô, e fragmentação de modelos de habitação de baixa densidade em seu entorno imediato.

Operando com os altos coeficientes de aproveitamento

do solo determinados pelo zoneamento, as propostas desenvolveram-se entre a possibilidade de criação de um complexo de edifícios com gabarito mais elevado na franja de terreno à Avenida Tancredo Neves; a criação de um parque urbano no miolo do terreno associado à verticalização acentuada na periferia à especialização tipológica dos edifícios multirresidenciais de acordo com a declividade da implantação; o estabelecimento prioritário da conexão através de linhas de bonde do bairro e de toda a área vizinha – seja através da Estrada do Currão e Imbuí, seja ao largo do Shopping Salvador – com as estações de metrô próximas e o reenquadramento do programa de uso a partir das duas instituições universitárias – a UNIFACS e a Estácio – que passariam assim à condição de pólos de público, a serem articulados espacialmente e responsáveis por uma cadeia de equipamentos culturais e habitação estudantil.



*Beatriz Pimentel Cruz Ferreira
Pedro Henrique P. de Macedo*



*Beatriz Pimentel Cruz Ferreira
Pedro Henrique P. de Macedo*

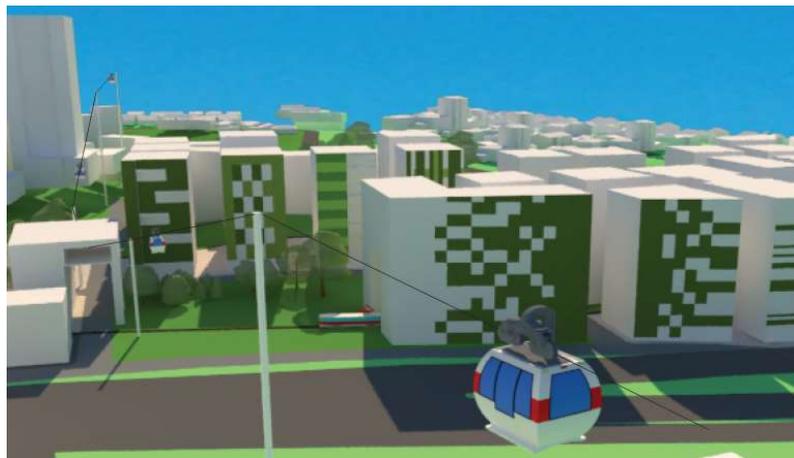


Israel Barbosa Cunha Rodrigues
Laíse Pitanga Mendes

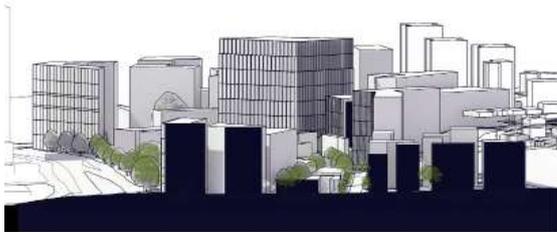




Israel Barbosa Cunha Rodrigues
Laíse Pitanga Mendes



*Marjorie Fagundes Soares
Tayná Dos Santos Gomes*





*Danielle Torris Baqueiro
Laís Mendonça Passos*





*Camille Leite Lordelo
Renata Varela Lopes Maia*



*João Eduardo S. Quintela Soares
Sidinara Caires da Silva*



ATIPOLÓGICO



ATIPOLÓGICO

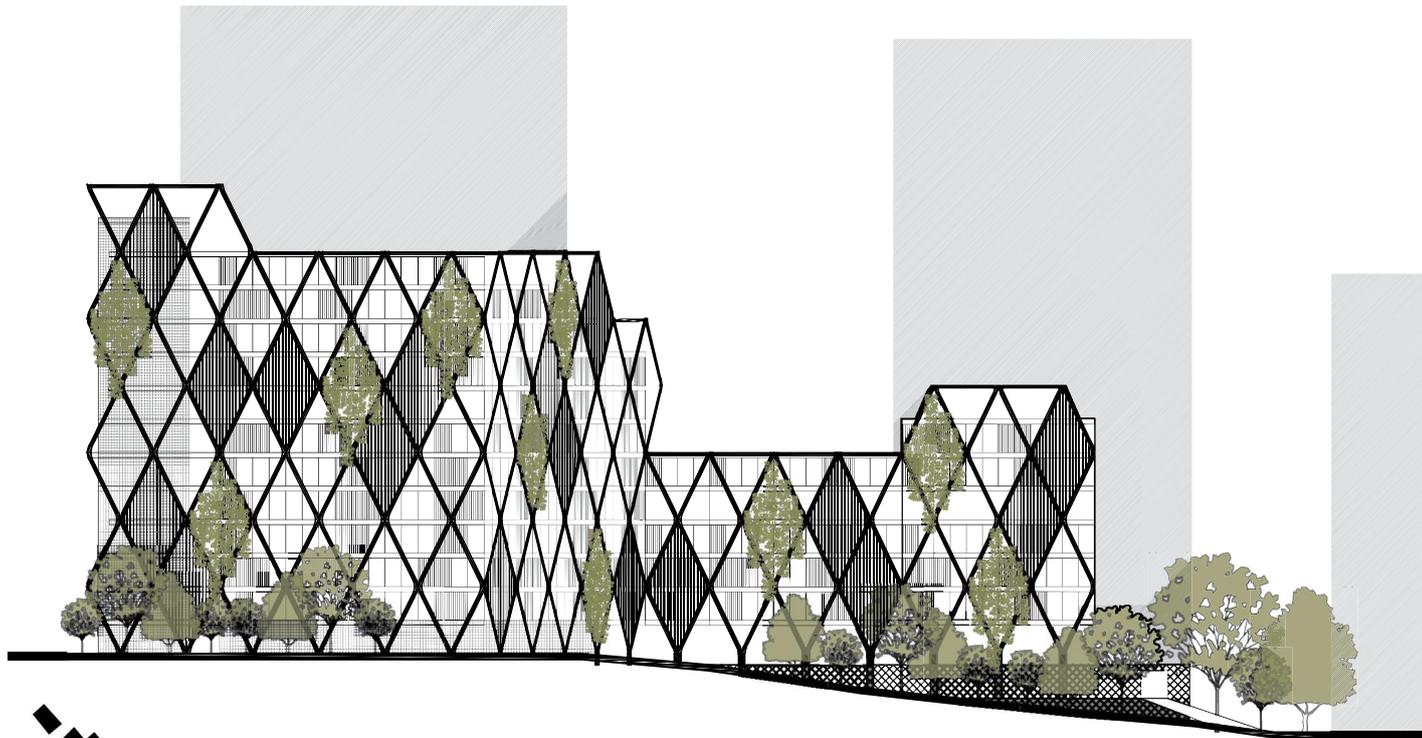
Este exercício tem por objetivo levar os estudantes a explorar os limites determinados pela reprodução relativamente inflexível de configurações espaciais no programa de edifício multirresidencial, tendo como instrumento de análise e de proposição o conceito de tipo. O produto esperado é a elaboração de um modelo atipológico, a partir da definição de uma área de estudo; no ano de 2019, o terreno escolhido localiza-se nos limites do loteamento Itaigara, onde os parâmetros do desenho urbano determinam uma clara associação entre a topografia e a definição da arquitetura para habitação: no topo das colinas, casas unifamiliares, no vale, margeando as ruas coletoras, os edifícios multirresidenciais.

A situação do terreno escolhido corresponde a estes parâmetros previstos no loteamento, representando assim, para o exercício, em conjunto com as exigências legais a ele associadas, os aspectos indutores de uma solução tipológica.

Em contrapartida, para que o objetivo do exercício viesse a ser atingido, foi solicitado aos estudantes que o projeto, no limite, apresentasse uma solução sem pavimento-tipo, com diferentes modelos de apartamentos com áreas entre 72 m² e 120 m², adaptação meticulosa das fachadas e plantas-baixas à orientação solar e ventilação, sistema estrutural em aço ou madeira, substituição da segunda vaga de automóvel por vagas em bicicletário e manutenção da cobertura vegetal de grande porte, além de uma série de outros parâmetros que flexibilizam o aproveitamento dos índices com emprego de sistemas alternativos para as instalações, acessibilidade e ampliação das áreas verdes.

Por maior que seja a diversidade encontrada nas propostas desenvolvidas, é evidente o quanto as configurações de carácter tipológico representam um dado cultural fortemente estabelecido, que oferece um grau alto de dificuldade para os estudantes; visto de outra maneira, foi relevante a conscientização do processo

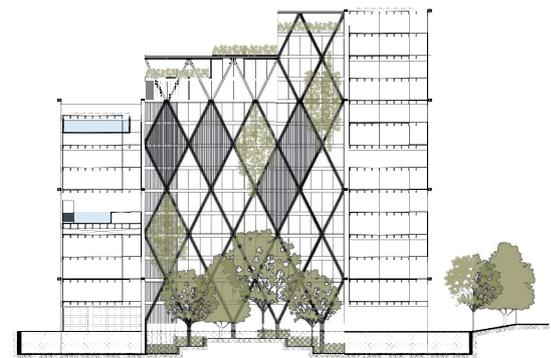
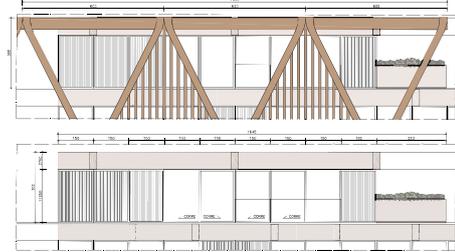
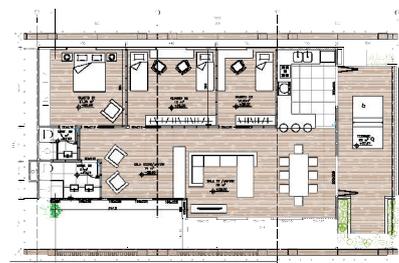
de elaboração contínua de sucessivas mudanças a partir de dentro do campo cultural, especialmente em produtos como a habitação multirresidencial. Os desafios ligados a instalações e estrutura, ainda que tratados dentro do escopo de um anteprojeto, representaram um sólido aprofundamento, ao lado da detalhada aplicação da legislação predial e urbanística, do aprendizado em projeto de arquitetura, acompanhados de uma adequação de representação gráfica.

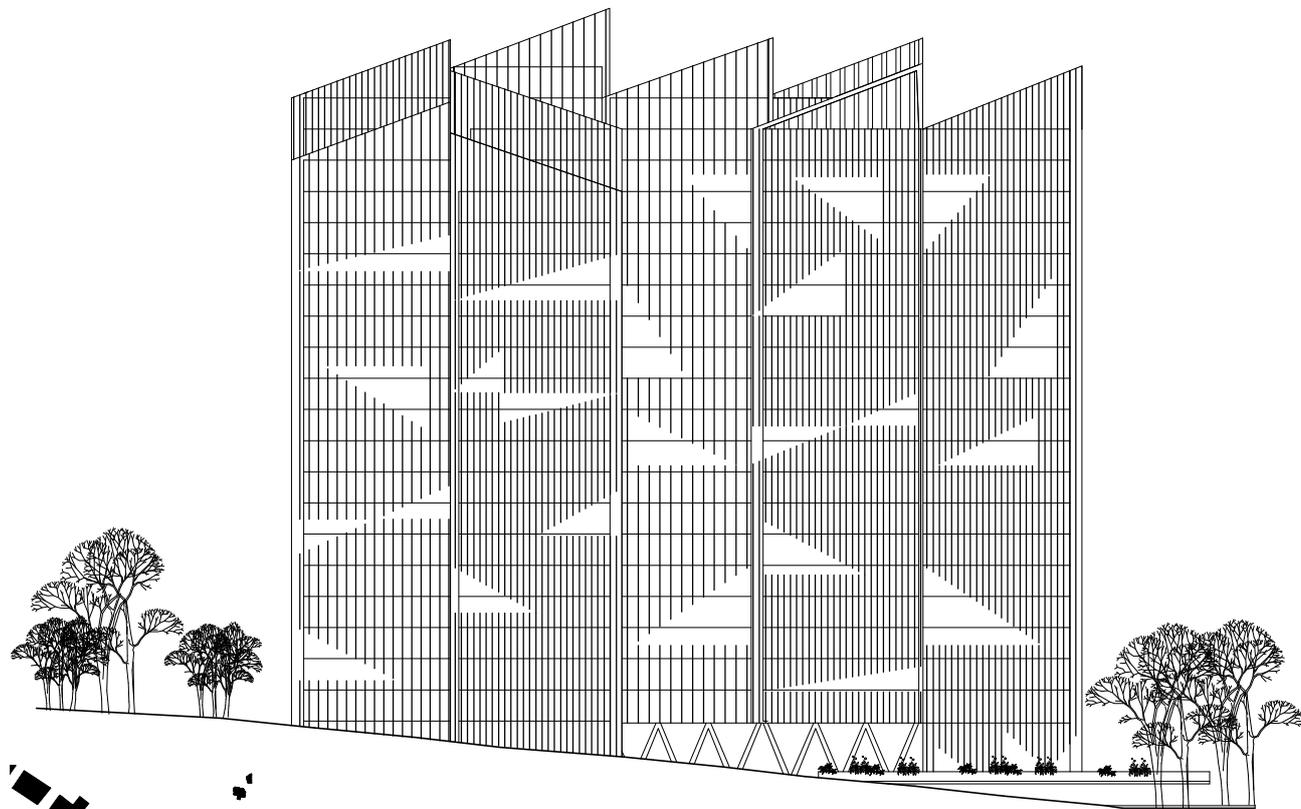


*Gabrielly de Almeida R. Bacelar
Renata Varela Lopes Maia*

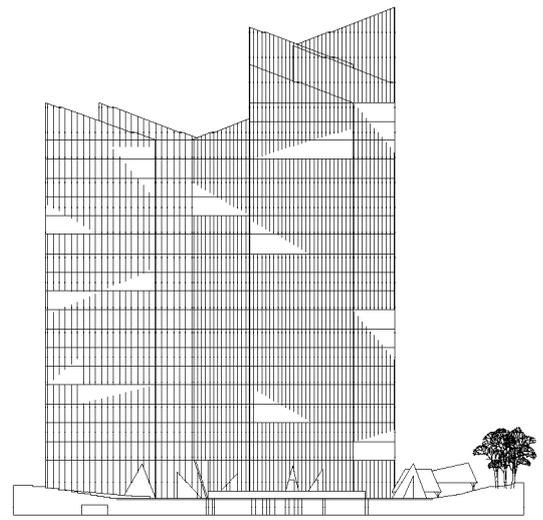
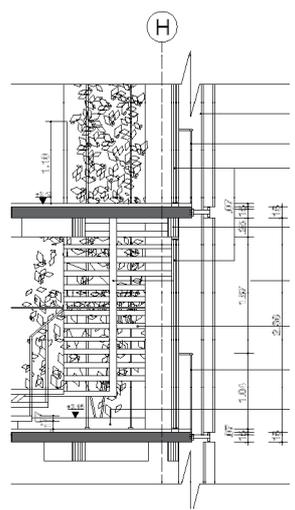
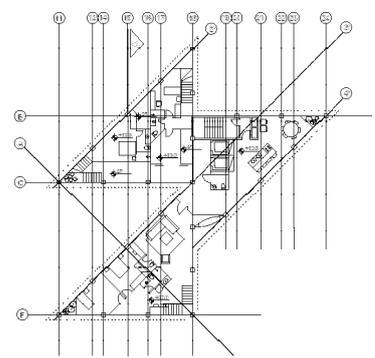
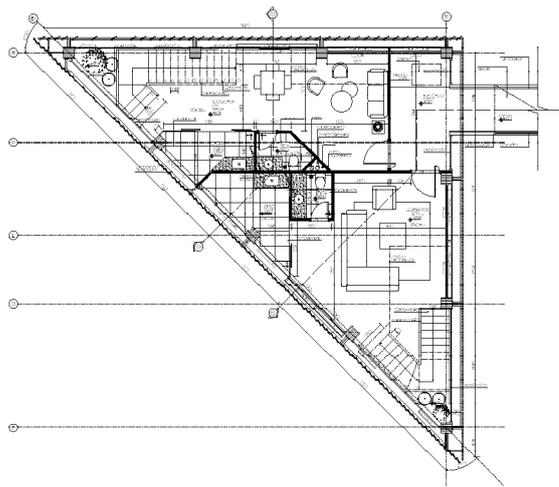
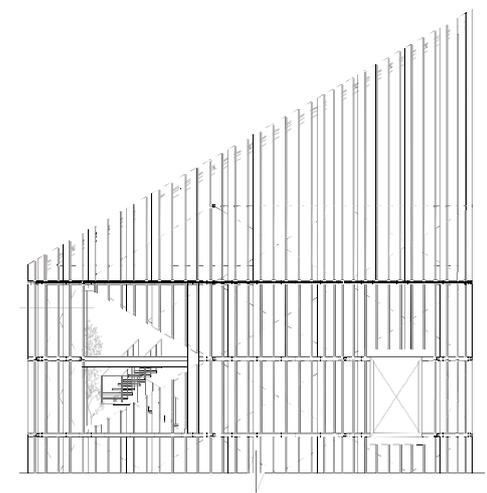


*Gabrielly de Almeida R. Bacelar
Renata Varela Lopes Maia*

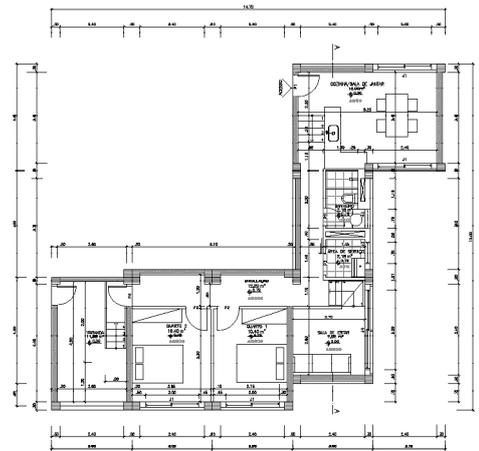
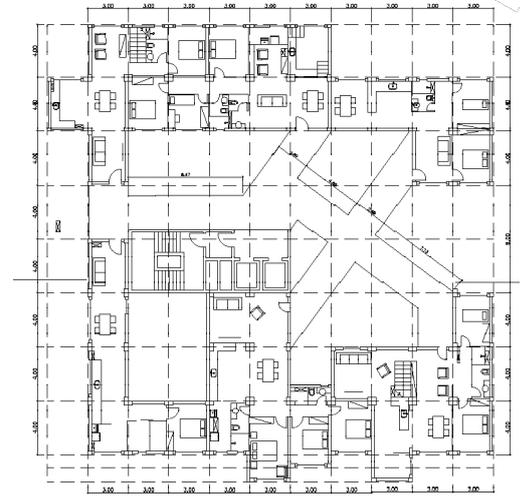




*Camille Leite Lordelo
Laíse Pitanga Mendes*

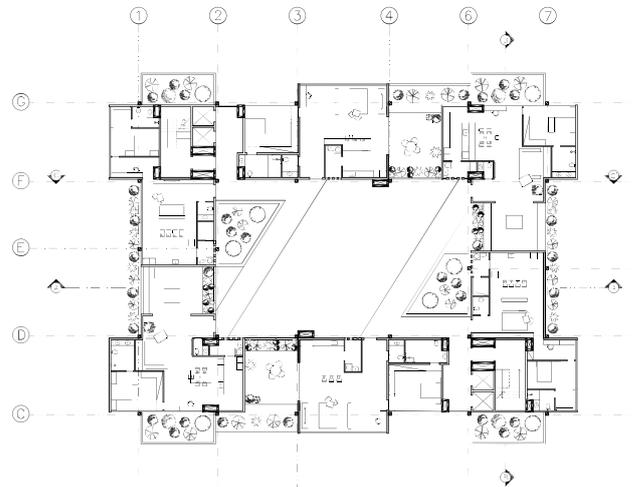


*Camille Leite Lordelo
Laíse Pitanga Mendes*



Ariane Puridade Santana
Bruna Ferreira Santos

*Danielle Torris Baqueiro
Laís Mendonça Passos*

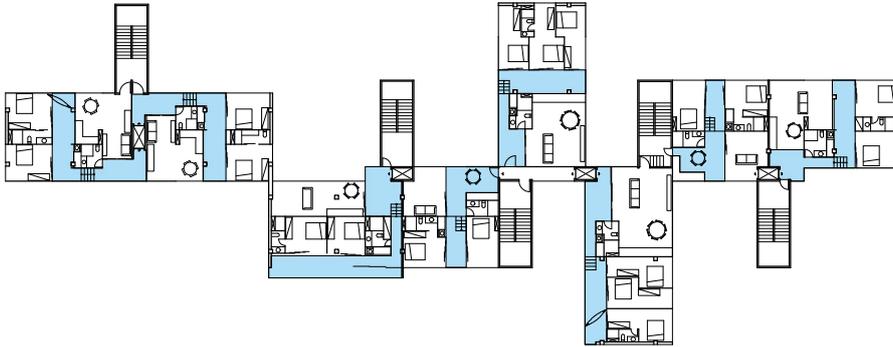


ATIPOLOGICO

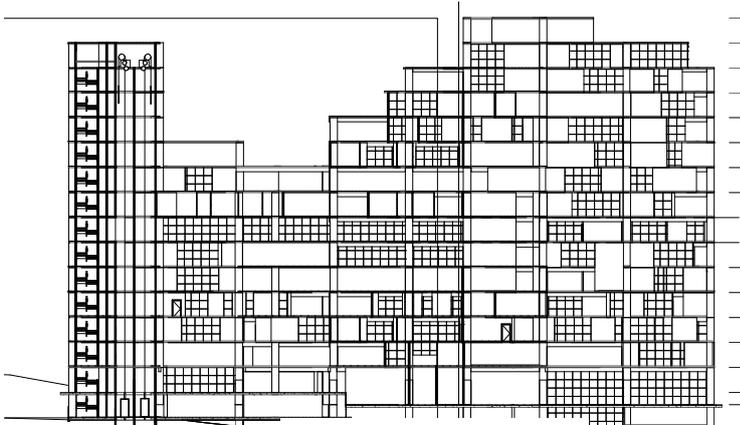


*Marjorie Fagundes Soares
Tayná dos Santos Gomes*





*Clara Rachel Reis
Pedro Henrique P. de Macedo*



Beatriz Pimentel Cruz Ferreira

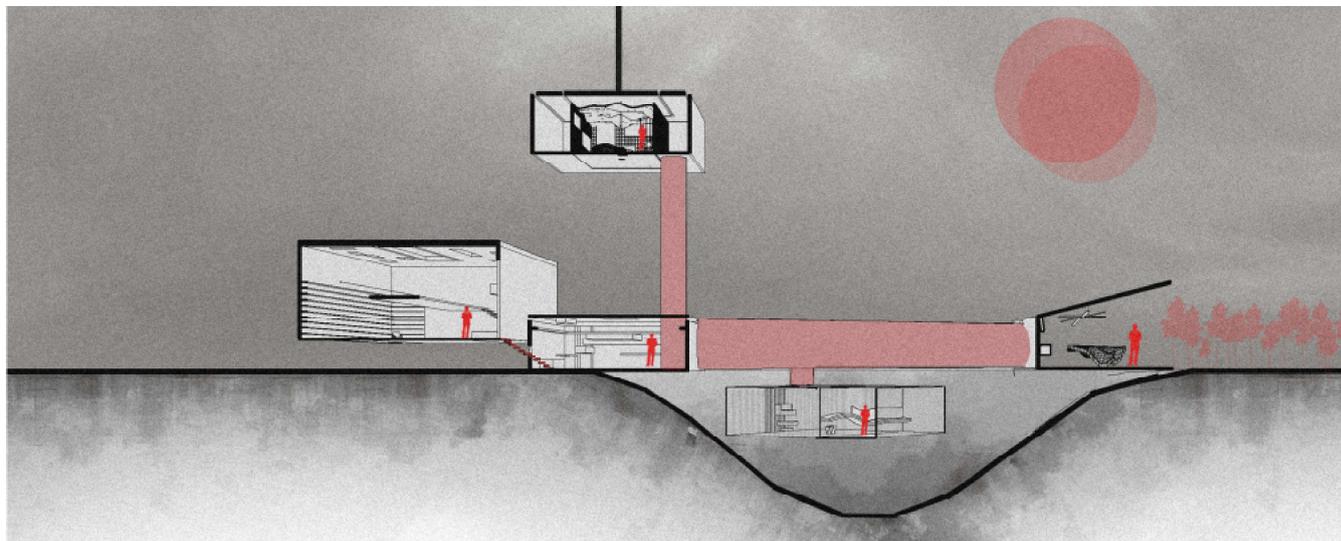
INTERIORES



INTERIORES

A literatura e construção de relações fenomenológicas entre seus personagens e os ambientes internos a eles associados são o ponto de partida para o exercício voltado a estabelecer uma compreensão do projeto de espaços de interiores distinta do cotidiano da atividade profissional. O referencial teórico parte do conceito de espaço arquitetônico definido por August Schamrsow, passando pelo Raumplan de Adolf Loos até chegar nos espaços interiores contemporâneos de arquitetos como Lacaton e Vassal ou espaços dramáticos de séries de TV e do cinema. A introdução do exercício foi complementada com palestras de temas específicos relacionados à representação gráfica ministradas por Hadassa Cruz, Max Klug e Tadeu Badaró.

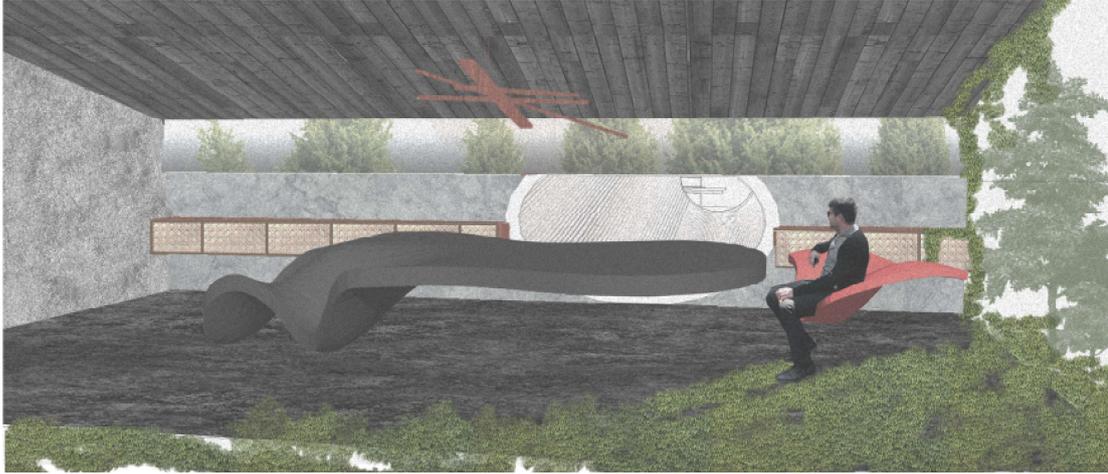
A tarefa, aparentemente simples, consiste em interpretar contemporaneamente os espaços interiores descritos em textos literários – para este ano foram tratados o conto Casa Tomada, de Julio Cortazar, e trechos dos romances Às avessas, de Joris-Karl Huysmans e O Primo Basílio, de Eça de Queirós – a partir de uma análise das interações entre personagens e espaços a eles associados. Esta criação desenvolvida entre subjetividade e ambiência, desenvolvida a partir de desenhos em perspectiva, revela ser um desafio por tratar com áreas cognitivas pouco exploradas. O desenvolvimento da imaginação criativa, diante da referência literária, o registro sensual dos materiais e a reintegração radical do sujeito como usuário na elaboração do espaço balizam a exuberante produção, por vezes onírica, por vezes detalhadamente cuidadosa, aqui apresentada.



Às avessas, de Joris-Karl Huysmans



Tayná dos Santos Gomes



Tayná dos Santos Gomes

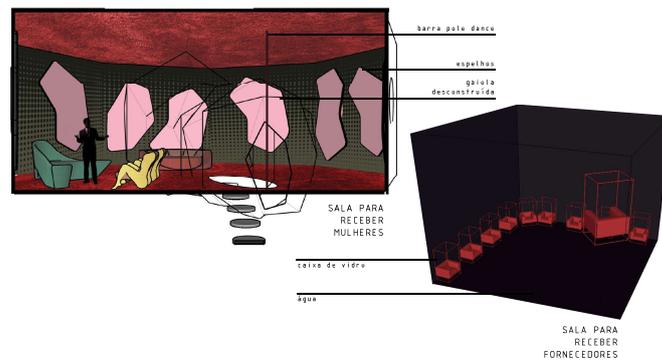
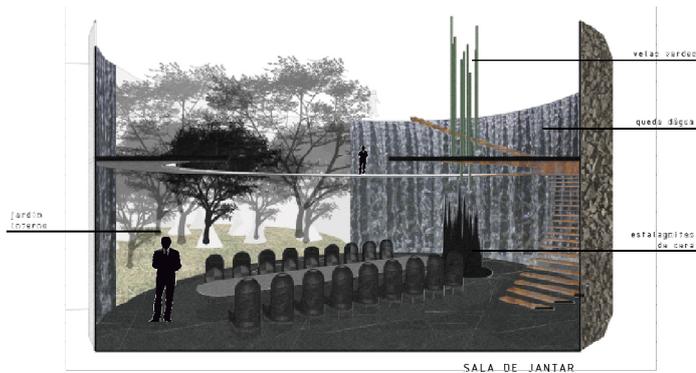
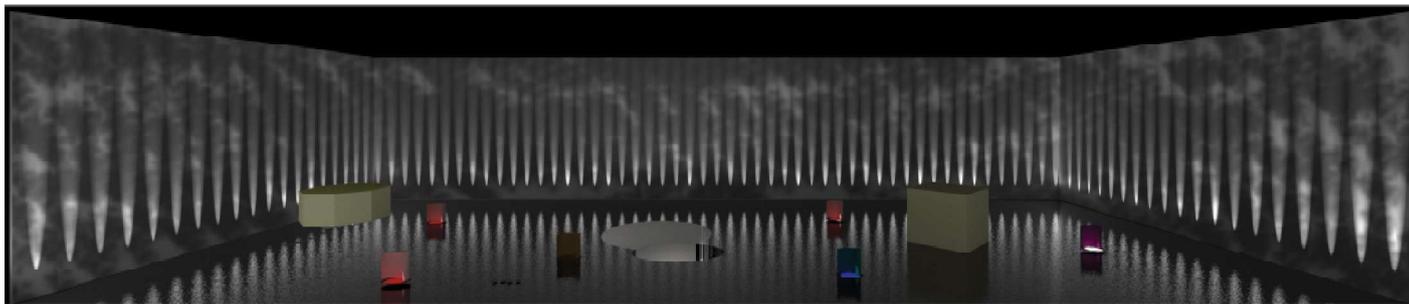


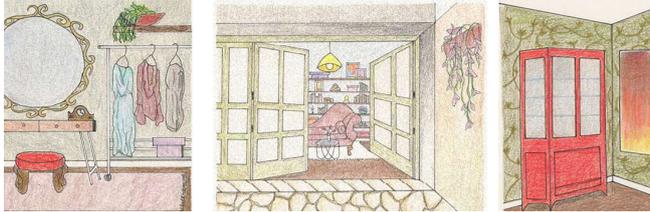
*Às avessas,
de Joris-Karl Huysmans*

Renata Varela Lopes Maia

Às avessas, de Joris-Karl Huysmans

INTERIORES





O Primo Basílio, de Eça de Queirós

Gabrielly de Almeida R. Bacelar

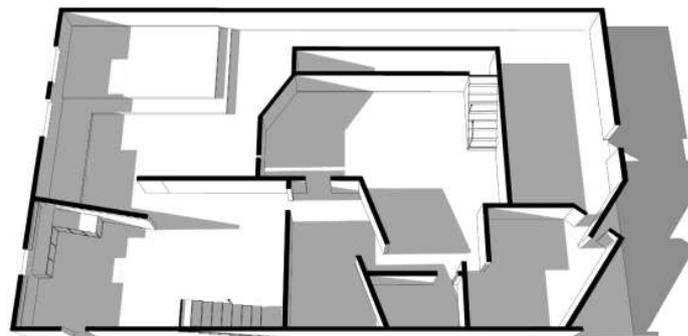




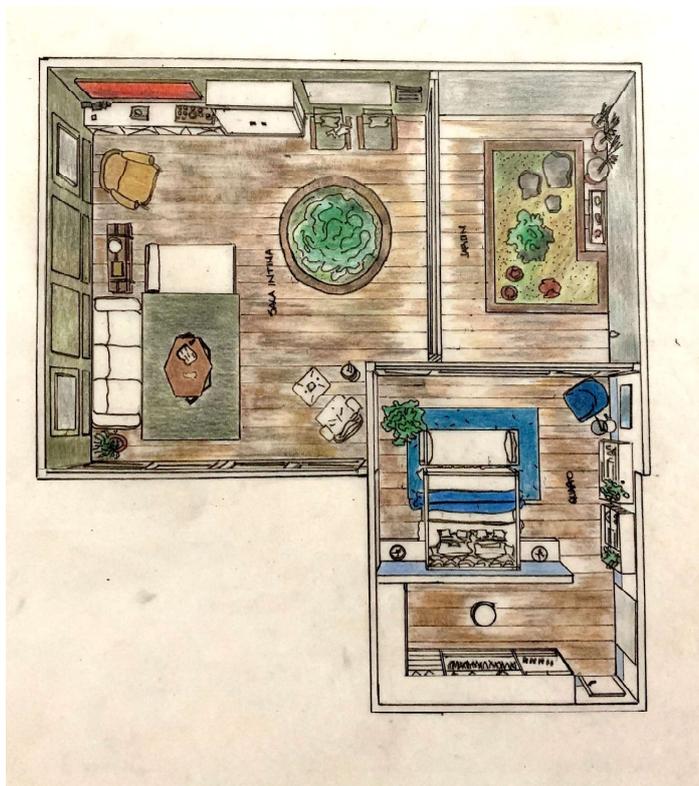
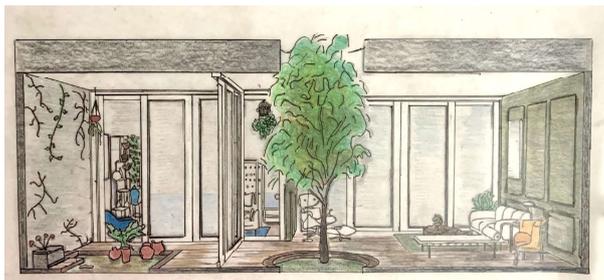
O Primo Basílio, de Eça de Queirós



Laíse Pitanga Mendes



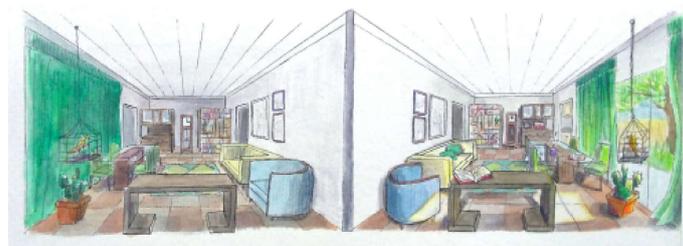
O Primo Basílio, de Eça de Queirós



Laís Mendonça Passos



O Primo Basílio, de Eça de Queirós

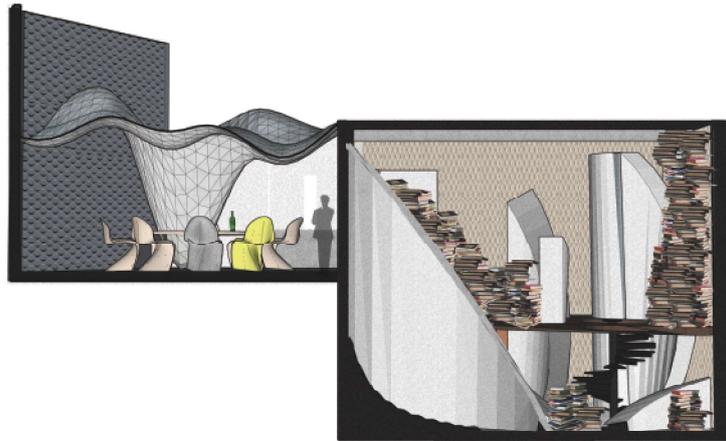
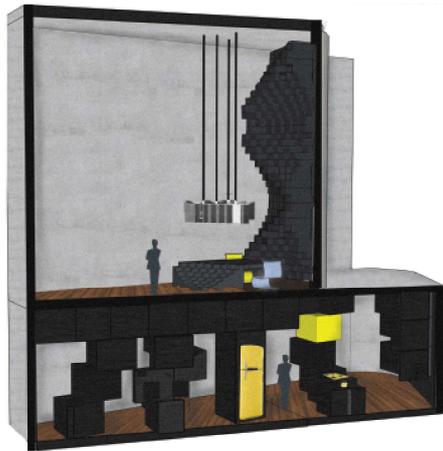


Israel Barbosa Cunha Rodrigues

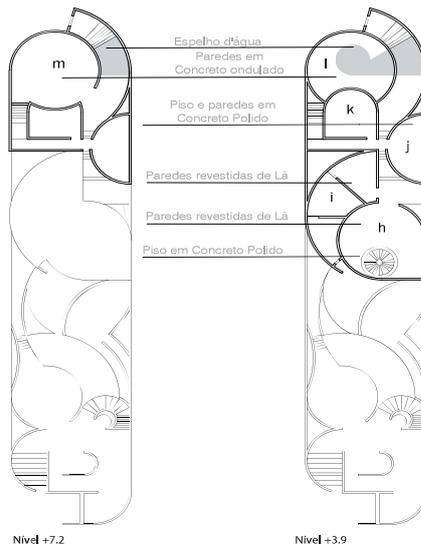
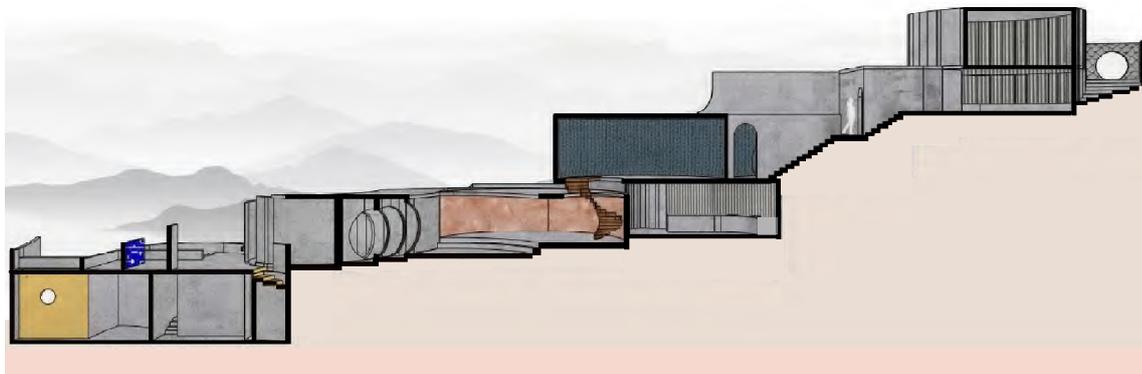


Casa Tomada, de Julio Cortazar

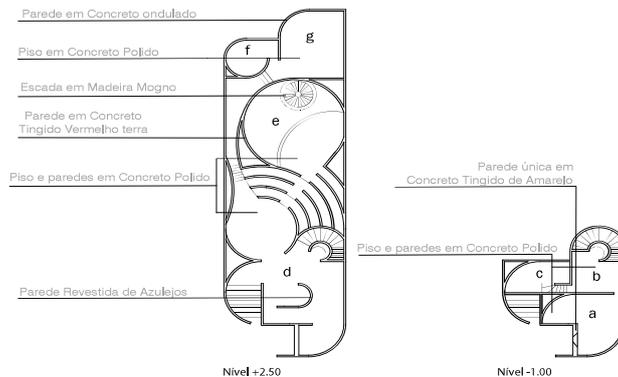
Beatriz Pimentel Cruz Ferreira



Casa Tomada,
de Julio Cortazar



- a. Quarto Irene
- b. Salão
- c. Quarto Irmão
- d. Terraço
- e. Sala de Música
- f. Sanitário
- g. Cozinha
- h. Sala de Jantar
- i. Biblioteca
- j. Quarto 1
- k. Quarto 2
- l. Sala de Banho
- m. Quarto 3



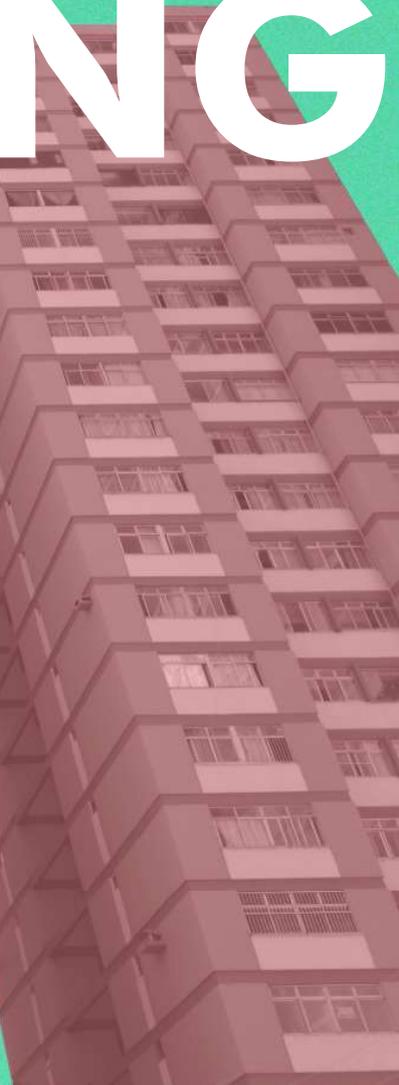
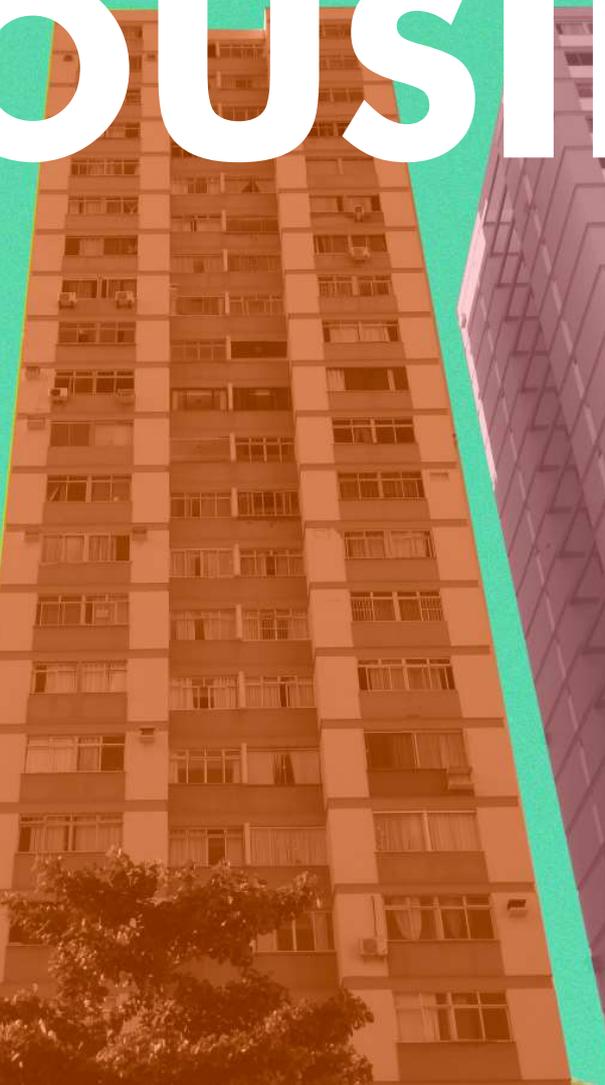
Camille Leite Lordelo

Casa Tomada, de Julio Cortazar



Camille Leite Lordelo

MH HOUSING



M HOUSING

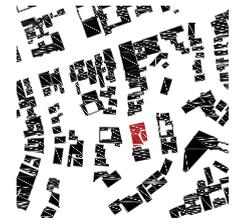
O segundo exercício destinado ao projeto de edifício multirresidencial teve como foco as novas moradias coletivas, articulando o tamanho médio como instrumento crítico de um bairro que passa atualmente por renovada verticalização, a Graça. A definição programática das novas moradias coletivas envolve um balanço entre oferta de moradia assistida para idosos, convivência entre pessoas em vários estágios na vida a partir de valores comum e um balanço entre moradia e trabalho, resultando em distintas modalidades de edifícios de uso misto. O exercício apresentou aos estudantes clientes hipotéticos, em um estágio inicial de pesquisa sobre o programa e estudos de viabilidade, com uma composição complexa de moradores que corres-

pondiam à definição programática acima esboçada, e prevendo a complementação de unidades – com liberdade para definição de modalidade entre propriedade ou aluguel ou mesmo modelos contemporâneos de hotelaria – como necessidade de garantia financeira para o investimento. Tudo isto tendo como foco a vida em comunidade, com compartilhamento de distintos graus de infraestrutura e atividades: da cozinha a automóveis, de áreas de lazer e jardins ao cuidado com idosos e crianças.

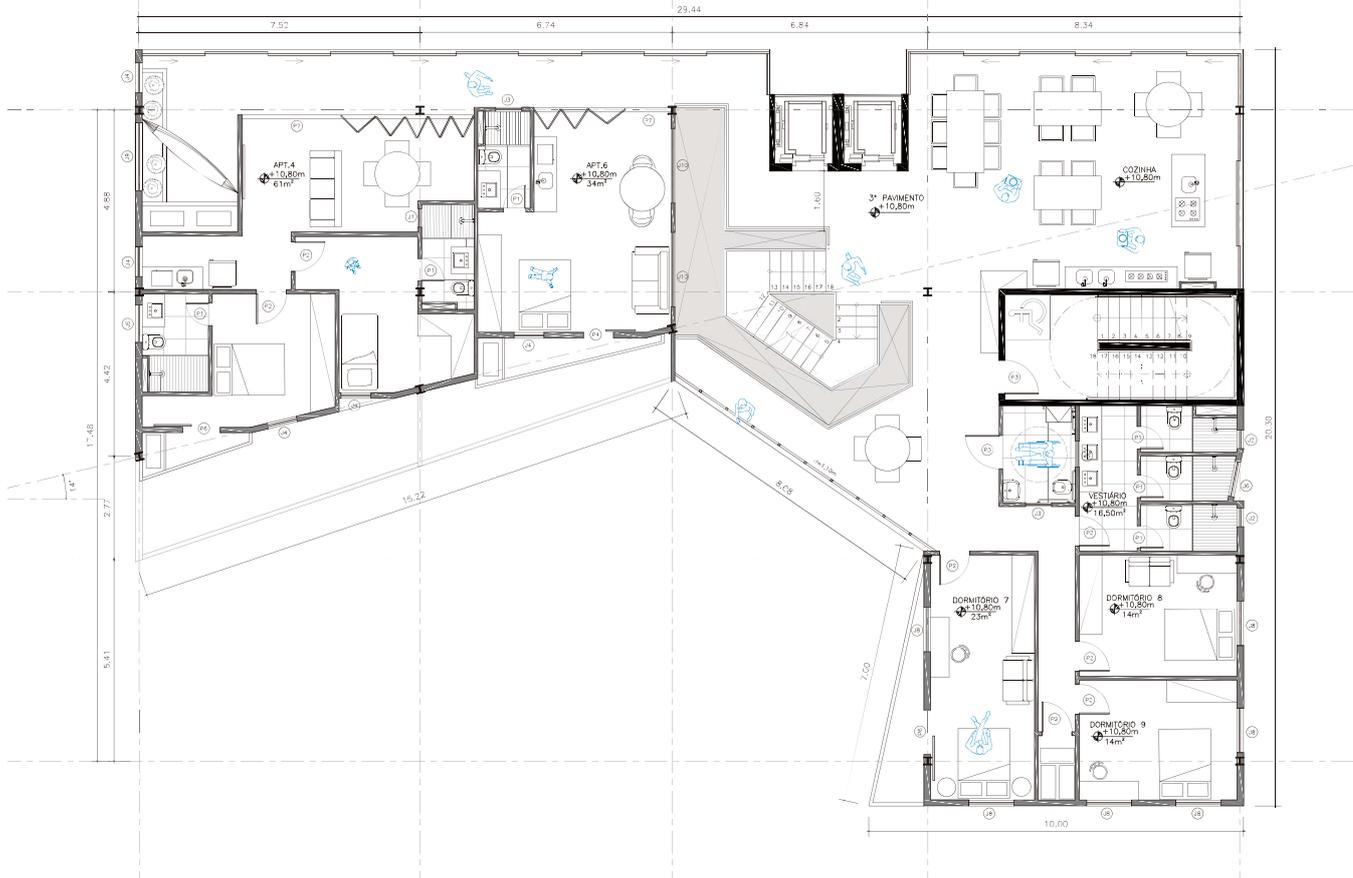
Para um terreno de forte declividade, com três testadas, os projetos deveriam ainda contemplar o máximo de área verde, o emprego de soluções técnicas para as instalações destinadas à redução do consumo de recursos naturais assim como de redução de pegada de carbono no momento da construção, o máximo de flexibilidade de uso dos espaços e integração da oferta de serviços na rede existente do bairro. Partindo de uma análise da oferta de serviços do bairro associada ao estudo tipológico e de tamanho dos edifícios, foi solicitado o desenvolvimento de um estudo preliminar que apresentasse uma avaliação crítica do potencial construtivo do terreno em relação ao programa proposto, a partir do qual então, partido e projeto propriamente ditos foram elaborados. Além do debate sobre a

destinação inicial dos níveis de acesso ao uso público em forma de praça, já comentado na introdução, que levou a uma ampliação do tempo destinado à consolidação do partido arquitetônico, este exercício esteve fortemente marcado pelo aprofundamento do aprendizado dos diversos conteúdos tratados nos exercícios anteriores, desde aspectos técnicos relativos a instalações prediais e normas de segurança, passando por uma riqueza notável na solução de arranjos espaciais complexos nos andares em conexão direta com a rua, até o amadurecimento da representação gráfica como um todo.

*Laíse Pitanga Mendes
Renata Varela Lopes Maia*

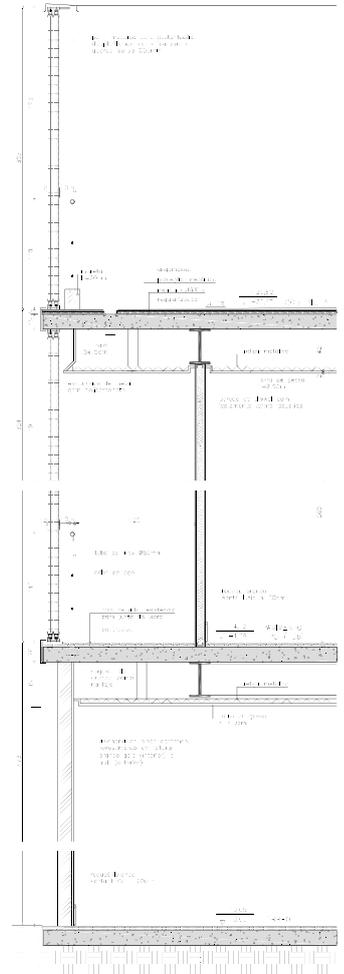
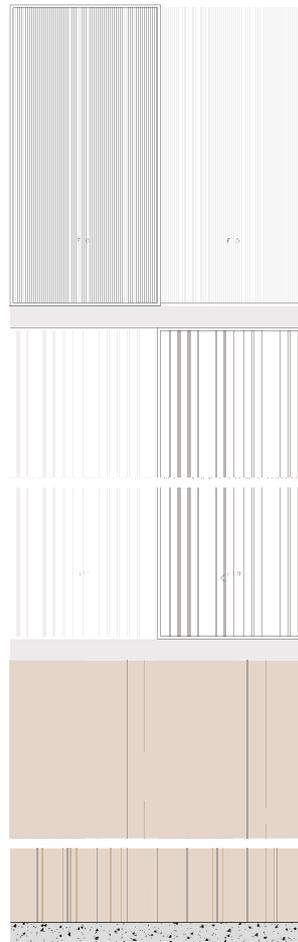


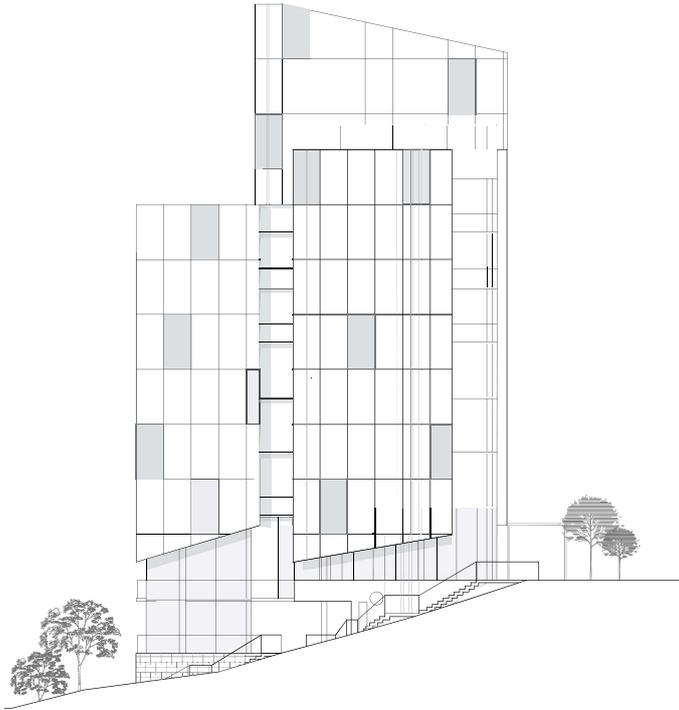
*Laíse Pitanga Mendes
Renata Varela Lopes Maia*





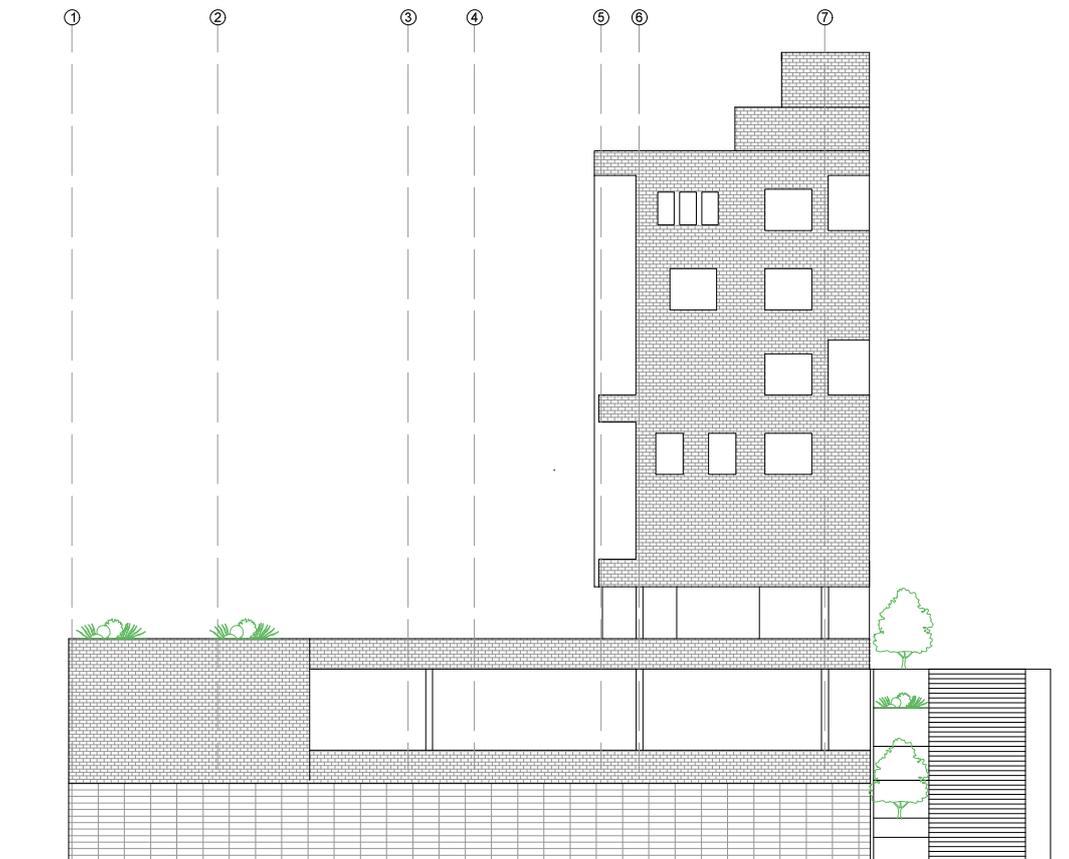
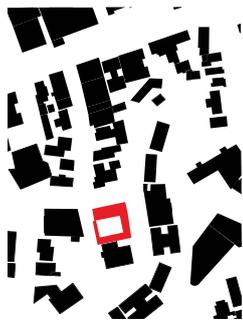
*Laíse Pitanga Mendes
Renata Varela Lopes Maia*

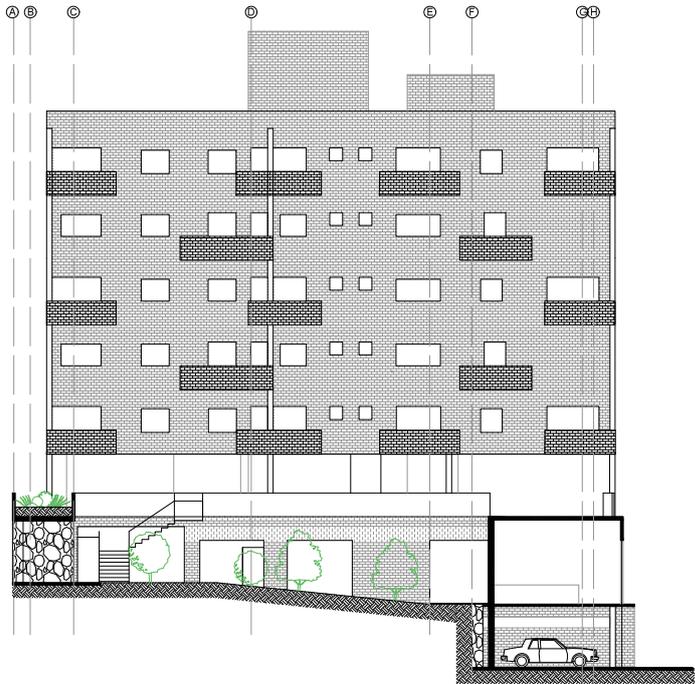
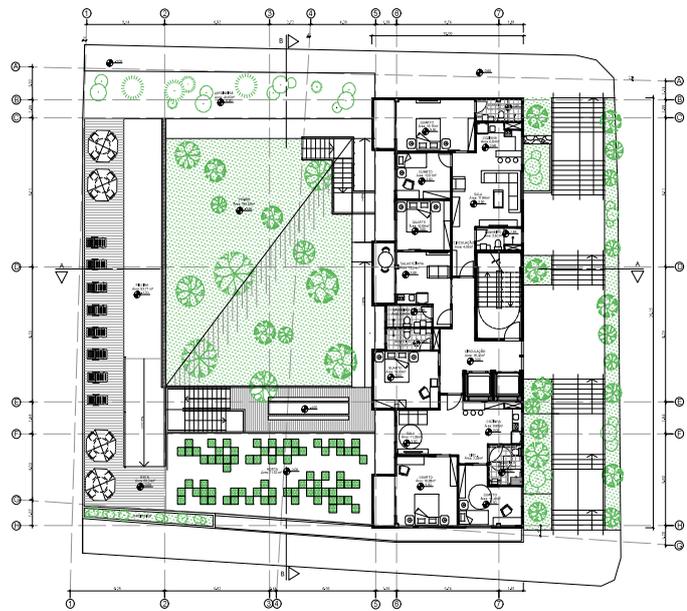




*Camille Leite Lordelo
Gabrielly de Almeida R. Bacelar*

Clara Rachel Reis
Israel Barbosa Cunha Rodrigues

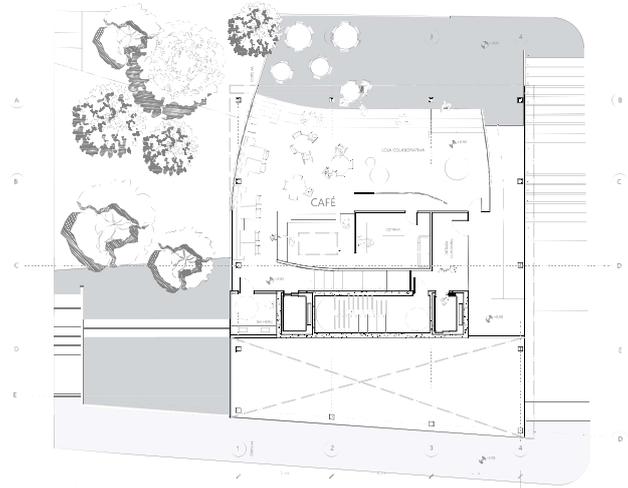




Clara Rachel Reis
Israel Barbosa Cunha Rodrigues

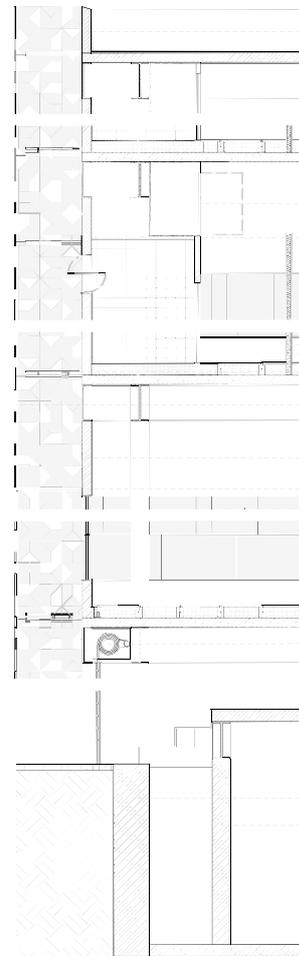
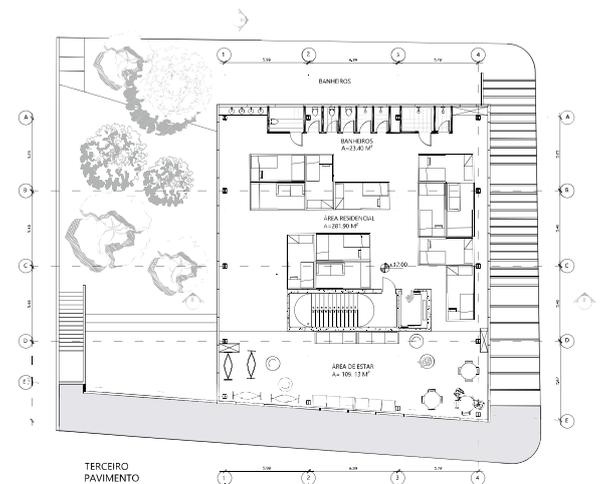
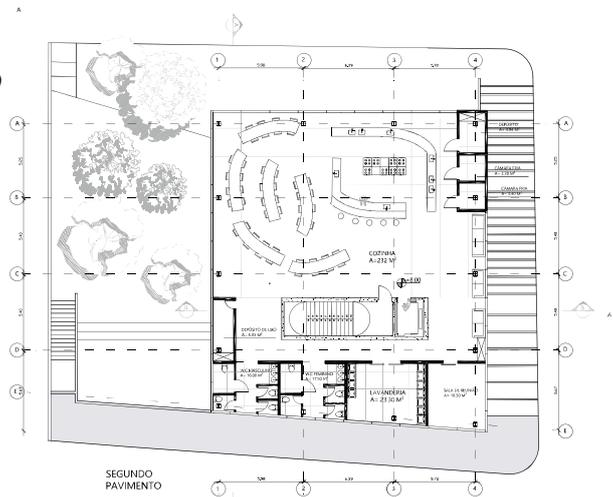


*Ariane Puridade Santana
Bruna Ferreira Santos*



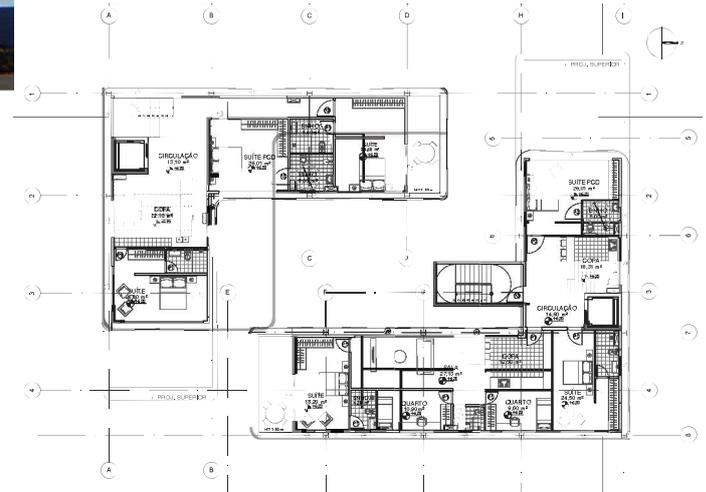
*Marjorie Fagundes Soares
Pedro Henrique P. de Macedo*

Marjorie Fagundes Soares
Pedro Henrique P. de Macedo

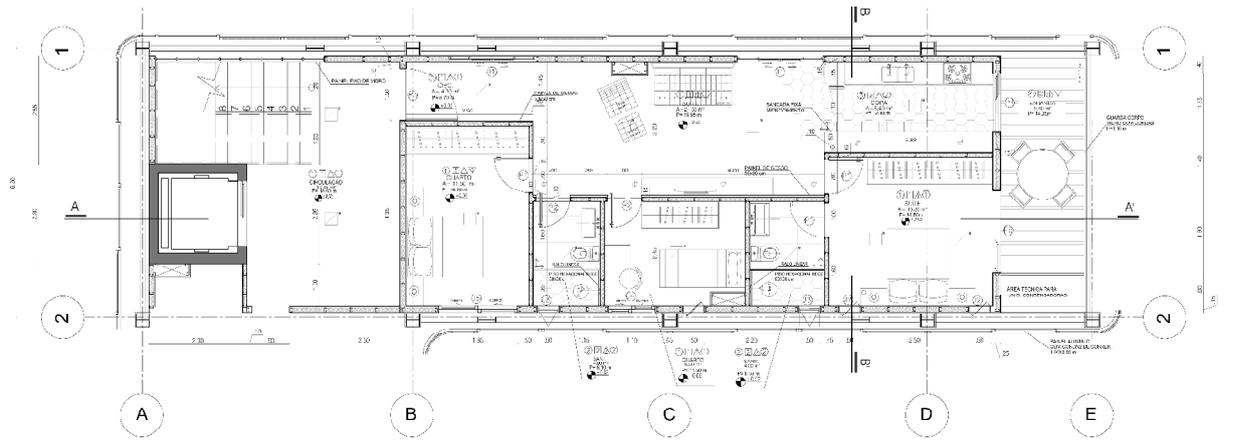
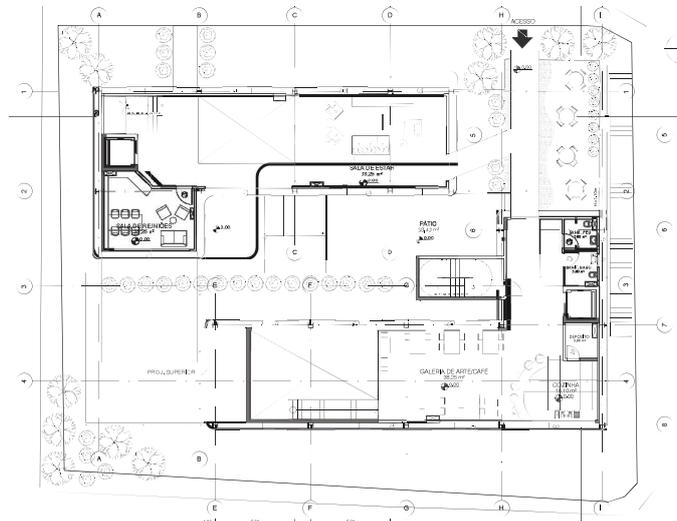




Beatriz Pimentel Cruz Ferreira
João Eduardo S. Quintela Soares
Warily Silva Afonso



Beatriz Pimentel Cruz Ferreira
 João Eduardo S. Quintela Soares
 Wally Silva Afonso



CATALISADOR SOCIAL

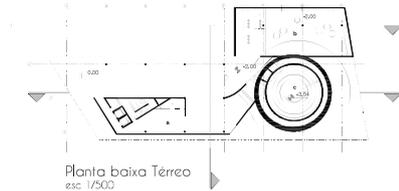


CATALISADOR SOCIAL

O último exercício do curso estabeleceu um retorno ao primeiro, o Urban21.

A tarefa, prevista para ser executada em um curto espaço de tempo, consistiu em elaborar uma proposta arquitetônica, com o detalhamento e apresentação equivalentes a um concurso de ideias, para um catalisador social localizado na mesma área do Stiep que a turma havia estudado no início do curso. Como importante instrumento de compreensão da distinção (e das superposições e aberturas interpretativas) entre as esferas do desenho urbano e da arquitetura, cada estudante individualmente elaborou a sua proposta a ser inserida em um projeto desenvolvido por um colega para o exercício Urban21.

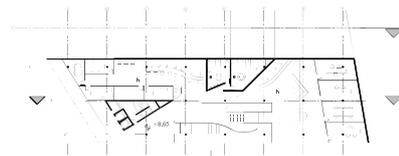
Camille Leite Lordelo



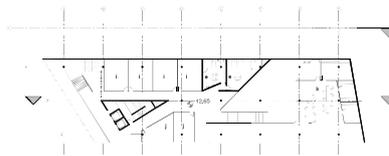
Planta baixa Têrreo
esc 1/500



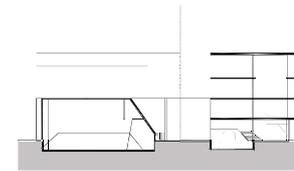
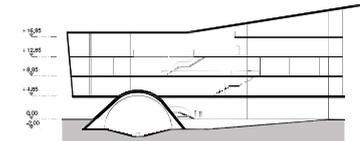
Planta baixa 1º pavimento
esc 1/500

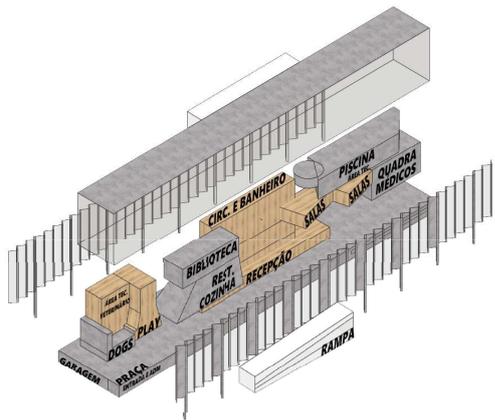


Planta baixa 2º pavimento
esc 1/500



Planta baixa 3º pavimento
esc 1/500

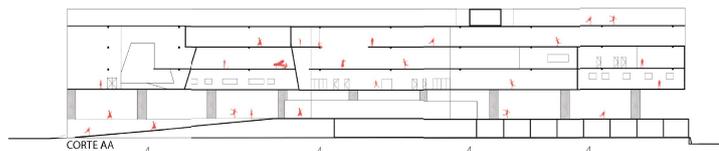




CORTE AA

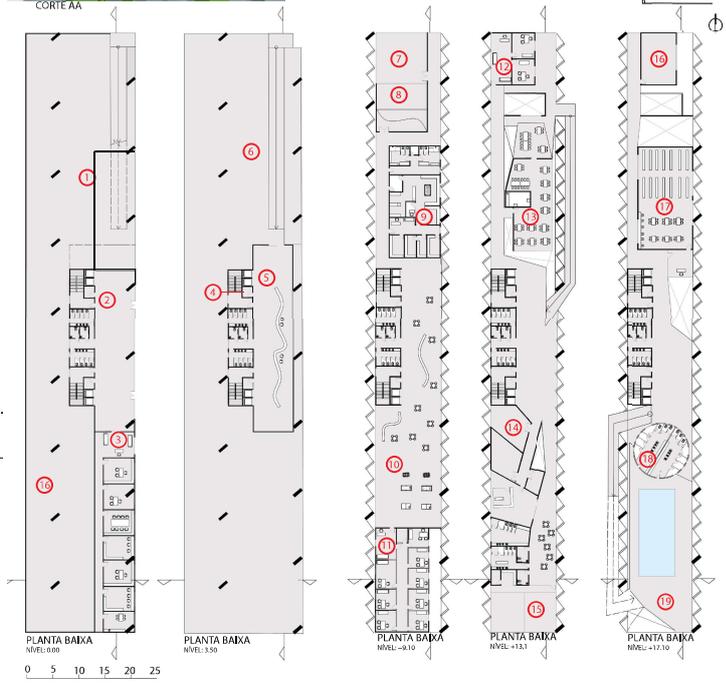


FACHADA OESTE



CORTE AA

Tayná dos Santos Gomes



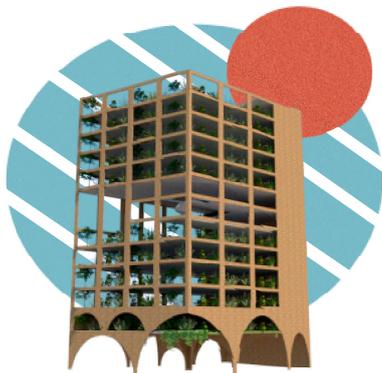
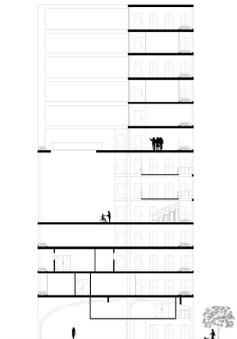


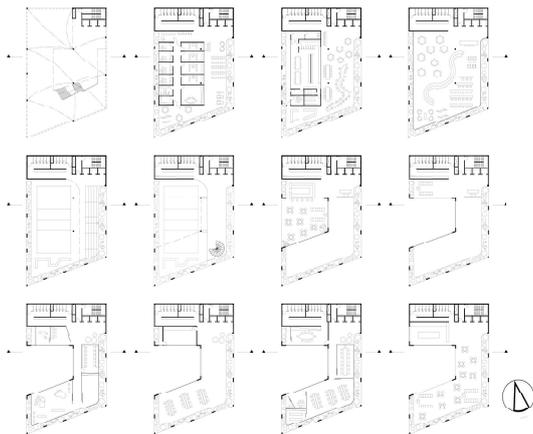
DIAGRAMA DO PROGRAMA



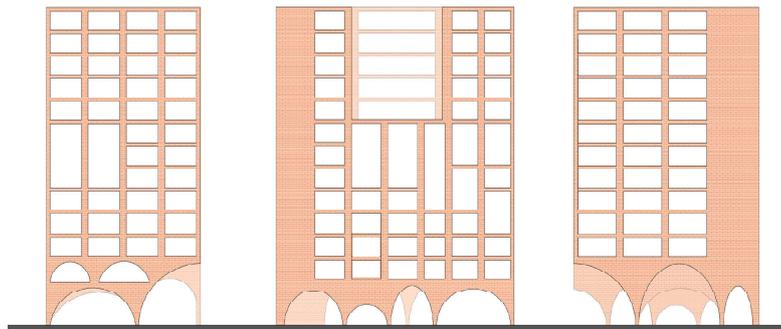
DIAGRAMA



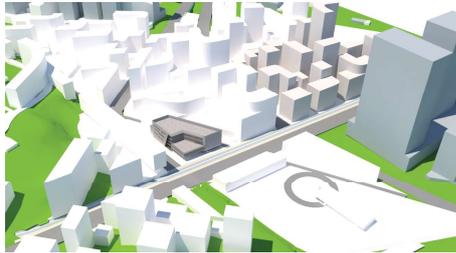
CORTE A-A'



PIANTAS RAIXAS TÉRREO + 10 PAVIMENTOS
1/500



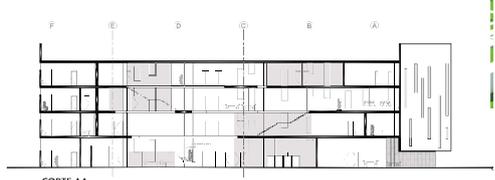
Gabrielly de Almeida R. Bacelar



PILATES	JUDO
DANÇA YOGA	VESTIÁRIO
SALA MULTUSO	INFORMÁTICA
CORTE E COSTURA	BIBLIOTECA
PSICOLOGO	NUTRICIONISTA
PSICOTERAPIA	REFEITÓRIO
COMORNING	DENTISTA
FUNCCIONAL	SALA DE MÚSICA
ADMINISTRAÇÃO	GRAVADORA
	CAFÉ

- a. CAFÉLOJA DE CD
- b. GRAVADORA
- c. SALA DE MÚSICA
- d. PAINEL INFORMATIVO
- e. RECEPCÃO
- f. ADMINISTRAÇÃO
- g. APOIO
- h. WC

- a. COZINHA
- b. OFICINA DE CULINÁRIA
- c. REFEITÓRIO
- d. COMORNING
- e. DENTISTA
- f. CLÍNICO GERAL
- g. NUTRICIONISTA
- h. WC
- i. ESPERA
- j. PSICOLOGO
- k. FISIOTERAPIA



CORTE AA
Laíse Pitanga Mendes

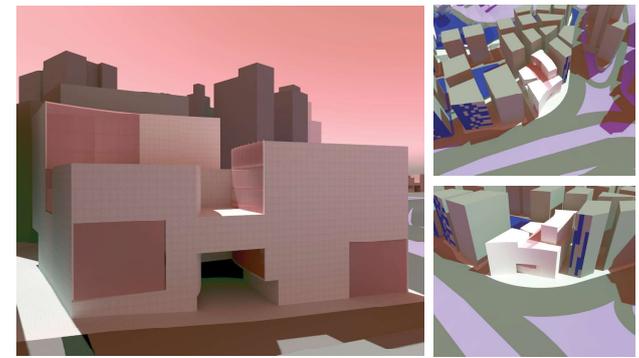


PLANTA BAIXA - TÉRREO



PLANTA BAIXA - 1º PAVIMENTO

Pedro Henrique P. de Macedo



REFERÊNCIAS BÁSICAS DO CURSO

- BROWN, G. Z.; DEKAY, Mark. *Sol, vento & luz: estratégias para o projeto de arquitetura*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- CAMPOS, Márcio Correia. Nas encostas dos vales. Variações do tipo na arquitetura multirresidencial em Salvador, Bahia. *Arquitextos*, São Paulo, ano 19, n. 218.03, Vitruvius, jul. 2018 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/19.218/7034>>.
- CAMPOS, Márcio Correia. Habitar em Salvador. Entre a arquitetura e o espaço público. *Arquitextos*, São Paulo, ano 16, n. 181.01, Vitruvius, jun. 2015 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.181/5591>>.
- CAMPOS, Márcio Correia. *Arquitetura Contemporânea em Salvador In: Salvador e a Baía de Todos os Santos Guia de Arquitetura e Paisagem*. 1 ed. Sevilha: Consejería de Obras Públicas y Vivienda, Dirección General de Rehabilitación y Arquitectura, 2012, p. 117-121.
- DEILMANN, Harald. *El habitat: tipos de utilización, tipos de planta, tipos de edificio, tipos de vivienda*. Barcelona: Gustavo Gili, 1975.
- ENGEL, Heino. *Sistemas de Estructuras / Sistemas Estruturais*. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.
- HERTZBERGER, Herman. *Lições de arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- IVO, Any Brito Leal. Jardins do Éden: Salvador, uma cidade global-dual. *Caderno CRH* (UFBA. Impreso), v. 25, p. 131-146, 2012.
- IVO, Any Brito Leal; UCHOA, P. F.; SOUZA, Laercio; SOARES, Bianca. Cartilhas para o idoso? Uma análise deste instrumento para o tratamento de políticas públicas. *Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades*, v. 03, p. 49, 2015.
- KOOLHAAS, Rem e MAU, Bruce. *S, M, L, XL Small, medium, large, extra-large*. New York: Monacelli Press, 1995.
- MONEO, José Rafael. *Inquietação teórica e estratégia projetual na obra de oito arquitetos contemporâneos*. São Paulo, SP: CosacNaify, 2008.
- NESBITT, Kate (ed.). *Nova Agenda para a Arquitetura – Uma Antologia Teórica (1965-1995)*. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.
- NEUFERT, Ernst. *Arte de Projetar em arquitetura*. São Paulo: Gustavo Gili, 2004.
- NEUTRA, Richard Joseph. *La naturaleza y la vivienda*. Barcelona, ES: Gustavo Gili, 1970.
- A Promoção privada de habitação econômica e a arquitetura moderna: 1930-1964*. São Carlos, SP: RiMa, 2002.
- ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- da ROCHA, Paulo Mendes. *Maquetes de papel*. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.
- VENTURI, Robert. *Complexidade e Contradição em Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Márcio Correia Campos

GÊNERO PRÉDIO

UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA EM ARQUITETURA E HABITAÇÃO

Este livro e outros textos do autor podem ser encontrados em <https://marciocorreiacampos.wordpress.com/textos/>

Este livro eletrônico foi produzido em formato A5 e utiliza as tipografias Futura e Helvetica Neue